

Artículo Original

Experiencias de estudiantes de Terapia Ocupacional con la enseñanza remota en tiempos de pandemia

Experiências de estudantes de Terapia Ocupacional com o ensino remoto em tempos de pandemia

Experiences of Occupational Therapy students with remote education in pandemic times

Lissa Marry de Santana Lira ¹. Márcia Maria Mont'Alverne de Barros ².

¹Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, PB, Brasil.
ResearcherID: ABA-4864-2020. ORCID:0000-0002-0674-4583.
lissamarry7@gmail.com

²Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, UFPB. João Pessoa, PB, Brasil.
ResearcherID: ORCID: 0000- 0002-8139-4229
marciamontalverne10@hotmail.com

Resumo: Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa, realizado com estudantes de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. O objetivo desta pesquisa foi investigar a experiência das aulas remotas durante o período de pandemia para os discentes entrevistados, desvelando as repercussões das aulas remotas em suas rotinas e ocupações, identificando também as influências da modalidade de aulas remotas na sua saúde física e mental. Participaram do estudo 12 estudantes de Terapia Ocupacional. O instrumento para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, realizada no período compreendido de setembro a dezembro de 2021. Realizou-se a análise dos dados por meio da análise de conteúdo temática. O estudo obedeceu à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Os resultados da pesquisa estão explicitados em duas categorias principais, em que se identificou mudanças significativas nas rotinas, ocupações e papéis ocupacionais dos estudantes, assim como prejuízos na saúde mental e física deles. A pesquisa possibilita traçar indicativos da situação dos discentes universitários no contexto remoto emergencial, vislumbrando também processos de reflexões que poderão contribuir de modo edificante no contexto do retorno do ensino presencial pós-pandemia e na imbricada construção de um cotidiano para os estudantes.

Palavras-chaves: Ensino, Terapia Ocupacional, Estudantes, Saúde.

Recibido: 22/06/2022
Aceptado: 13/04/2023
Publicación:10/07/2023

Resumen: Se trata de un estudio descriptivo exploratorio, de un abordaje cualitativo, realizado con estudiantes de Terapia Ocupacional de la Universidad Federal de Paraíba, Brasil. El objetivo de este trabajo era investigar la experiencia de las clases remotas durante el periodo de pandemia para los alumnos entrevistados, revelando las repercusiones de las clases remotas en sus rutinas y ocupaciones, identificando también las influencias de la modalidad de clases remotas en su salud física y mental. Participaron del estudio 12 estudiantes de Terapia Ocupacional. El instrumento para la colecta de datos fue una entrevista semiestructurada, realizada en el periodo comprendido de septiembre a diciembre de 2021. Se realizó el análisis de datos por medio del análisis de contenido temático. El estudio obedeció a la Resolución 466/12 del Consejo

Nacional de Salud. Los resultados de la investigación están explicitados en dos categorías principales, en las que se identificó las mudanzas significativas en las rutinas, ocupaciones y papeles ocupacionales de los estudiantes, así como los perjuicios en su salud mental y física. La investigación posibilita trazar indicadores de la situación de los alumnos universitarios en el contexto remoto emergencial, vislumbrando también procesos de reflexión que podrán contribuir de modo edificante en el contexto del retorno de la enseñanza presencial post-pandemia y en la imbricada construcción de lo cotidiano para los estudiantes.

Palabras claves: Enseñanza, Terapia Ocupacional, Estudiantes, Salud.

Abstract: This is a descriptive-exploratory study, with a qualitative approach, carried out with Occupational Therapy students at the Federal University of Paraíba, Brazil. The objective of this research was to investigate the experience of remote classes during the pandemic for the students interviewed, revealing the repercussions of remote classes on their routines and occupations, also identifying the influences of the remote class modality on their physical and mental health. Twelve Occupational Therapy students participated in the study. The instrument for data collection was a semi-structured interview, carried out from September to December of 2021. Data analysis was performed through thematic content analysis. The study complied with Resolution 466/12 of the National Health Council. The research results are explained in two main categories, in which significant changes were identified in the students' routines, occupations and occupational roles, as well as impairments in their mental and physical health. The research makes it possible to trace indications of the situation of university students in the emergency remote context, also envisioning reflection processes that can contribute in an uplifting way in the context of the return of post-pandemic face-to-face teaching and in the imbricated construction of a daily life for students.

Keywords: Teaching, Occupational Therapy, Students, Health.

1. Introdução

Em março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia global devido à Síndrome Respiratória Severa Aguda Coronavírus 2 (SARS-CoV-2), a Covid-19. Por consequência, houve implementações de mudanças em vários, se não todos, os setores da sociedade brasileira e mundial. Diante disso, os impactos econômicos e sociais se tornaram inevitáveis e reais, de maneira que medidas políticas passaram a ser essenciais para garantir atendimento à saúde e a outros direitos sociais necessários para confrontar a situação (Borba et al., 2020).

O distanciamento social configurou-se, durante o ano de 2020 e 2021 – enquanto a maioria da população global não estava vacinada – a principal e mais eficiente forma de proteção contra a Covid-19. Foi implementado em todo o mundo, fazendo com que várias pessoas que detêm o privilégio de ficar em casa exercendo a sua profissão e/ou estudando não frequentassem outros lugares se não para suprir algumas necessidades básicas. Os que não tiveram a possibilidade de estar em tempo integral ou semi-integral resguardado, como, por exemplo, trabalhadores de profissões essenciais, tiveram de realizar redimensionamentos e colocar em prática mudanças para garantir a proteção de sua saúde e daqueles à sua volta.

De acordo com Silva (2020), devido a essas mudanças identificou-se que a pandemia imposta na vida cotidiana estruturou e tensionou as rotinas diárias, exigindo dos indivíduos ajustes ocupacionais diante da possibilidade ou impossibilidade de realizar determinadas ocupações do dia a dia. Dentre esses ajustes, o estudioso supracitado destaca o ensino remoto, modalidade de ensino em que a educação é mediada pela tecnologia, mas

com a permanência dos princípios da educação presencial.

Com a pandemia e consequente quarentena, distanciamento e isolamento social, as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas brasileiras interromperam suas atividades presenciais. Percebendo a necessidade de retomar com as aulas, dado que algumas IES conseguiram adaptar-se quase que prontamente a nova realidade, enquanto outras não e há a inviabilidade das aulas acontecerem presencialmente, o ensino remoto foi apresentado. Essa alternativa foi garantida pelo Ministério da Educação (MEC), que emitiu a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, recomendando ao Ensino Superior a substituição de disciplinas presenciais em andamento por modalidade online, mediante a utilização de meios digitais, no período de duração da situação de pandemia do novo coronavírus (Brasil, 2020).

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foram propostos os períodos facultativos suplementares, onde os alunos não eram obrigados a se matricular nas disciplinas. Para quem aderiu ao ensino remoto, plataformas digitais como o Google Classroom e salas de reunião como o Google Meet tornaram-se as novas salas de aulas. As ações pedagógicas tiveram de ser adaptadas e os encontros virtuais, para alguns, transformaram-se no único meio para se encontrar e socializar com outras pessoas.

Vivenciar uma pandemia trouxe cargas para o bem-estar psicossocial, medo, estresse, luto, raiva e desesperança, enfim, emoções e sentimentos que afloram diante das incertezas. Acrescentamos os sofrimentos relacionados a perdas financeiras,

processos de estigmatização das pessoas afetadas pela doença, o isolamento social, rupturas de atividades cotidianas e a suspensão de objetivos e sonhos (Teixeira & Dahl, 2020).

Considerando esse cenário complexo e multifacetado, tornou-se relevante identificar as repercussões do ensino remoto na vida dos alunos. A transição do ensino presencial para o remoto deflagrou diversificadas mudanças, apresentando a potência de acarretar influências importantes na rotina, nas ocupações e na saúde dos graduandos. Tendo em vista que o ensino remoto vem sendo desenvolvido desde o ano de 2020 e que as repercussões causadas pela pandemia terão efeitos que perdurarão por muito tempo (Spalding et al., 2020), causando grandes e pequenas mudanças diárias no cotidiano das pessoas, ressaltando-se mudanças na produtividade, no autocuidado, lazer, papéis ocupacionais (Silva, Mariotti & Bridi, 2020), interação com outras pessoas, as necessidades de cuidados com a saúde, etc., se faz necessária a realização de pesquisas com ênfase nas experiências dos alunos com o ensino remoto.

Atentando que a graduação demanda espaço nas rotinas dos graduandos, conhecer as potenciais vantagens e desvantagens da metodologia das aulas remotas pode ajudá-los a aperfeiçoá-la. O conhecimento acerca de como o ensino remoto repercutiu na vida dos estudantes também poderá elucidar elementos que ajudarão a compreender melhor esse momento de excepcionalidade vivenciada pelos mesmos, e identificar possibilidades com o potencial de ajudá-los nesse contexto supracitado. Acrescentamos que os docentes, bem como os outros profissionais que trabalharam ou trabalham no meio acadêmico de modalidade remota poderão usufruir dos resultados obtidos com a realização desse estudo.

Desse modo, o objetivo dessa pesquisa é investigar como foi a experiência das aulas remotas durante o período de pandemia para o(a)s discentes do curso de Terapia Ocupacional da UFPB, desvelando as repercussões das aulas remotas nas suas rotinas e ocupações, identificando também as influências da modalidade de aulas remotas na sua saúde física e mental.

2. Método

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório (Gomes et al., 2010), desenvolvido na abordagem de pesquisa qualitativa (Creswell & Creswell, 2021).

A pesquisa foi realizada em João Pessoa, na UFPB, especificamente no Departamento de Terapia Ocupacional. O município de João Pessoa é a capital do estado da Paraíba e contava com 723.515 habitantes no último censo, mas, em 2020, a população estimada era de 817.511 pessoas (IBGE, 2021).

A UFPB é uma Instituição autárquica de regime especial de ensino, pesquisa e extensão, vinculada ao Ministério da Educação, com atuação nas cidades de João Pessoa, Areia, Rio Tinto, Mamanguape e Bananeiras. O curso de Terapia Ocupacional da UFPB foi criado mediante a Resolução CONSEPE Nº 45/2009 e foi reconhecido mediante a Portaria Nº 346, de 03 de junho de 2014, do Ministério da Educação e Cultura (Coordenação de Terapia Ocupacional, 2022).

Participaram dessa pesquisa alunos regularmente matriculados e ativos do primeiro ao oitavo período do curso de Terapia Ocupacional da UFPB. A princípio divulgamos a pesquisa com os alunos dos citados períodos em grupos compostos por estudantes de Terapia Ocupacional no aplicativo

Whatsapp, utilizando uma mensagem padronizada com informações sobre a pesquisa e o link para o formulário Google onde se demonstrava interesse em participar da pesquisa.

Houve a colaboração voluntária e espontânea de estudantes na divulgação para outros grupos com discentes de do curso no mesmo aplicativo. A coordenação do curso de Terapia Ocupacional também divulgou a pesquisa, através do e-mail e mediante solicitação da pesquisadora, para os alunos com matrículas ativas.

O formulário Google foi composto por dados de identificação (nome completo e idade), período do curso atual, quantidade de períodos cursados de forma remota, informações para contato (e-mail e número de telefone) e horários disponíveis, visando uma compatibilidade para definição do dia e horário de realização das entrevistas. Realçamos que a descrição, o objetivo da pesquisa e o contato das pesquisadoras foram disponibilizados.

O máximo de estudantes interessados, por período, foram dois estudantes. A partir dessa demanda, a pesquisadora entrou em contato para confirmar o interesse e poder firmá-los como representantes de cada período. Com exceção do quinto período, pois não houve discentes interessados em participar da pesquisa, todos os períodos foram contemplados no estudo com, no mínimo, um estudante e no máximo, dois estudantes. A princípio tinha-se a meta de entrevistar dois discentes de cada período, contudo, como a participação na pesquisa era voluntária e não houve número suficiente de interessados, essa meta não pôde ser atingida. Devido à situação pandêmica instalada no ano de 2020 e os consequentes semestres suplementares remotos, houve a implementação de dois primeiros períodos, o A e o B,

além da maioria dos estudantes estarem cursando disciplinas do período vigente e do anterior.

Foram entrevistados dois discentes que estavam matriculados no primeiro período e dois estudantes que estavam matriculados em disciplinas do primeiro e segundo período. Um discente estava no terceiro período; um discente estava no quarto período e um discente estava matriculado em disciplinas de ambos os períodos supracitados. Ademais, dois estudantes do sexto período e dois estudantes do sétimo período foram entrevistados. A turma do oitavo período já estava formada no decorrer da realização da pesquisa, entretanto, uma estudante do período citado estava matriculada no TCC 2 e se voluntariou.

No concernente aos critérios de inclusão, os participantes deveriam apresentar idade igual ou superior a 18 anos, estarem com as matrículas ativas, aceitação e consentimento para participar do estudo e autorização para a gravação em vídeo das entrevistas, assim como estar vivenciando ou já ter vivenciado o ensino remoto durante, pelo menos, um semestre de acordo com o calendário da UFPB. Os entrevistados do primeiro período não precisaram atender a este último critério, visto que dispunham de menos de um semestre de experiência. Não foram incluídos na pesquisa os estudantes de outras graduações e aqueles de Terapia Ocupacional que não aceitem aos demais critérios de inclusão supracitados.

Para a realização da pesquisa utilizamos como instrumento de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada com os estudantes universitários de Terapia Ocupacional. Configurada como uma técnica de qualidade para a coleta de dados na abordagem qualitativa, a entrevista é utilizada para obter informações e, consequentemente, compreender a subjetividade do indivíduo por meio de seus

depoimentos. Além de conceder flexibilidade, a entrevista, na pesquisa qualitativa, proporciona ao entrevistado expor sua subjetividade, permitindo aos leitores compreender, numa dimensão coletiva, os elementos coletados (Batista, Matos & Nascimento, 2017).

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado e foram realizadas por meio da plataforma Google Meet, devido à necessidade de afastamento social, consequência da pandemia. Somente foram realizadas com a autorização prévia dos entrevistados, mediante leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

As entrevistas foram realizadas e gravadas na íntegra pela plataforma Google Meet e posteriormente transcritas e analisadas, mediante análise de conteúdo temática (pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação), recomendadas pela literatura (Minayo, 2008). A média de duração das entrevistas foi de 40 minutos e 15 segundos, tendo a entrevista com menor duração 21 minutos e 12 segundos e a com maior duração 1 hora e 42 segundos. O material empírico foi analisado por meio de ação dialógica entre os conteúdos que surgiram das categorias e a literatura pertinente ao tema. A entrevista semiestruturada contemplou aspectos relacionados à caracterização dos participantes da pesquisa, tais como: idade, estado conjugal, graduação, pós-graduação, plataformas utilizadas nas aulas remotas, dentre outros aspectos. Acrescentam-se questões relacionadas às repercussões das aulas remotas nas rotinas, ocupações, às influências da modalidade de aulas remotas na saúde física e mental dos estudantes de Terapia Ocupacional.

Esta pesquisa obedeceu à Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012) responsável por estabelecer regras para pesquisas que envolvem seres humanos. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS/UFPB, com o CAAE: 47760921.7.0000.5188. As informações foram coletadas nos meses setembro a dezembro do ano de 2021.

3. Resultados

No total, doze estudantes do curso de Terapia Ocupacional da UFPB foram entrevistado(a)s. Desses, onze se identificam como do sexo feminino e um se identifica como do sexo masculino. Em relação à idade, a média apresentada foi de 21 anos. Cerca de onze estudantes, no que se refere ao estado conjugal, estão solteiro(a)s, enquanto uma estudante está casada.

Nenhum acadêmico entrevistado possui outra graduação e/ou outra pós-graduação ou estava cursando no período da entrevista. No que diz respeito às plataformas que os discentes de Terapia Ocupacional utilizavam durante as aulas remotas, eles tiveram autonomia para informar quaisquer plataformas que julgassem serem pertinentes durante o semestre suplementar remoto, independente da quantidade. Todos o(a)s entrevistado(a)s informaram mais de uma plataforma.

O Google Meet foi citado por todos os doze estudantes entrevistados e no que concerne às demais plataformas, eles mencionaram o Microsoft Teams (seis menções), Whatsapp (cinco menções), Classroom (quatro menções), e-mail (três

menções), Sigaa (três menções), Canva (três menções) e o Jamboard (duas menções). Além desses, o Google Forms, Moodle, Word, Google Docs, Zoom, Instagram, Drive, Padlet, Above e Discord foram, individualmente, mencionados uma vez por alguns discentes.

Visto que o ensino remoto exige acesso às tecnologias diversas e conseqüentemente contato frequente com as telas de eletrônicos, indagamos os

estudantes entrevistados em relação a quanto tempo permaneceram em contato com as telas para as aulas remotas síncronas e assíncronas. Na Tabela 1 identifica-se a média de horas indicada por cada estudante.

Tabela 1 - Tempo dos estudantes entrevistados em contato com as telas.

	Segunda-feira a sexta-feira	Sábado e/ou domingo
A1 (18 anos)	Em média 10 horas a 12 horas	Em média 2h30 aos domingos
A2 (21 anos)	Em média 7 horas	Em média 4 horas
A3 (19 anos)	Em média 5 horas a 6 horas e 10 horas a 12 horas nas quintas-feiras	Em média 5 horas a 6 horas
A4 (18 anos)	Em média 10 horas	Em média 4 horas a 5 horas aos sábados
A5 (22 anos)	Em média 9 horas a 11 horas	—
A6 (22 anos)	Em média 5 horas a 8 horas	—
A7 (22 anos)	Em média 8 horas	Em média 8 horas
A8 (24 anos)	Em média 6 horas a 7 horas	—
A9 (23 anos)	Em média 8 horas	—
A10 (21 anos)	Em média 6 horas a 8 horas	Em média 3 horas a 4 horas
A11 (21 anos)	Em média 8 horas a 10 horas	Em média 8 horas a 10 horas
A12 (27 anos)	Em média 9 horas	Em média 5 horas

Fonte: elaboração própria.

Durante as entrevistas, foi comum a identificação de relatos de estudantes que evidenciaram estarem cursando, ao mesmo tempo, disciplinas de dois períodos diferentes, visto que não foi possível – em virtude de diversos fatores explorados posteriormente nesta pesquisa – concluir todas as disciplinas do período anterior.

Além disso, houve estudantes que começaram o primeiro semestre do curso de Terapia Ocupacional de forma remota que não conheceram o espaço físico da UFPB, do próprio curso, os colegas da turma, lidando também com a incógnita de como funciona uma universidade, enfrentando simultaneamente as repercussões da quarentena e do isolamento social.

4. Discusión

A entrada na universidade e as múltiplas vivências oriundas do ensino superior é uma etapa caracterizada por mudanças pessoais, intelectuais e sociais, em que o estudante estará dirigindo-se a um meio distinto do conhecido ensino médio, o último nível da Educação Básica. Desse modo, há uma metamorfose carregada de expectativas, medos, ansiedade, esperança, dúvidas, convicções, conhecimento e ignorância. As mudanças continuam a acontecer após a entrada do estudante na universidade, sendo uma constante que influencia diversas áreas da vida do indivíduo, agora chamado de estudante universitário, pautando escolhas importantes para o presente e futuro dele.

Vivenciar essas alterações bruscas durante a pandemia da Covid-19 traz novas experiências a serem descobertas e manejadas pelos estudantes, principalmente àqueles que estão iniciando em uma Instituição de Ensino Superior (IES) e dedi-

cando-se a descobrir o novo, o qual poderá acarretar repercussões significativas na sua vida pessoal e profissional.

Com a pandemia, adentrou-se a realidade do ensino remoto emergencial na rotina dos estudantes, modificando-a; o termo “remoto” refere-se ao distanciamento geográfico, já o “emergencial” ao fato de docentes e discentes terem a frequência às instituições acadêmicas negadas devido a pandemia e conseqüente distanciamento social (Silva, 2020).

Mediante a leitura e a organização das informações obtidas, por meio das entrevistas realizadas com os estudantes universitários de Terapia Ocupacional, procedeu-se à organização das categorias que destacaram os conteúdos principais correlacionados aos objetivos do estudo. Tais categorias foram construídas, analisadas e discutidas de acordo com as diferentes respostas obtidas, consoante explicitadas a seguir:

CATEGORIA 1: Mudanças significativas nas rotinas de vida e nos papéis ocupacionais dos estudantes.

Mediante a questão condutora “Fale-me sobre as repercussões das aulas remotas na sua rotina e em suas ocupações nesses tempos de pandemia”, todos os 12 estudantes entrevistados evidenciaram mudanças em suas rotinas e em seus papéis ocupacionais.

O presente estudo constatou que as transformações inesperadas provenientes da pandemia e conseqüente ensino remoto repercutiram nas dimensões mentais, físicas e sociais, influenciando o modo de condução das rotinas, ocupações e papéis ocupacionais desempenhados pelos estudantes de Terapia Ocupacional.

Eu sempre fui uma pessoa que passava o dia todo fora de casa [...], e aí eu me deparei com a realidade de que não vou poder: não ia poder ir pra reuniões da igreja, não ia poder me encontrar com meus amigos (...) sair da universidade e ir pra casa de alguém. Porque primeiro eu anoto tudo que preciso fazer, aí eu me deparei com um determinado momento que eu não tinha o que anotar porque não tinha o que fazer, além de ficar em casa sem fazer nada e preocupada com a vida, isso foi muito forte pra mim no início. (A10, 21 anos).

Santos et al. (2021), em sua pesquisa com 143 alunos de universidades públicas e privadas, atestou que 44,09% desses discentes não estavam bem emocionalmente no período de pandemia, algo que se encaixa na fala supracitada, onde identifica-se a descaracterização de uma rotina em que ela estava habituada, vigorando a necessidade de adaptações, às quais se mostraram complexas no início da pandemia e do ensino remoto, interferindo no emocional, através da preocupação, da estudante.

Com relação a minha rotina de certa forma ficou mais flexível por estar estudando em casa, mas apesar de flexível essas horas dedicadas às atividades da universidade aumentaram bastante (...). Eu acho que o que mais me afetou foi em relação a essas três coisas: as atividades de lazer diminuíram bastante, as atividades domésticas aumentaram e com relação às atividades da universidade também que ficaram bem mais pesadas e exigem bem mais agora. (A7, 22 anos).

A estudante supracitada relata algo apontado na pesquisa de Pereira et al. (2020), onde 105 (66%)

dos 159 estudantes participantes apontaram a flexibilidade de horário para estudar como um ponto positivo. Em contrapartida, o ponto negativo mais apontado pelos estudantes foi o excesso de atividades acadêmicas com 113 (71%). Diante disso, é importante provocarmos discussões no que concerne ao preparo apropriado dos docentes para o ensino remoto e o interesse das universidades em ofertar a capacitação necessária, uma vez que essa modalidade de ensino exige ações que reforcem a participação dos estudantes, além de discorrer sobre os métodos avaliativos. Os trabalhos em grupo, resenhas e outras formas de avaliação utilizados comumente no ensino presencial geram maiores demandas aos estudantes para cumprir prazos e fazer as entregas de materiais produzidos, necessitando de avaliações mais objetivas (Pereira et al., 2020).

O ensino remoto acarretou repercussões no ambiente doméstico e em sua dinâmica: os estudantes entrevistados evidenciaram o aumento expressivo das tarefas domésticas, estando muitas vezes, impossibilitados de desenvolvê-las devido à sobrecarga acadêmica. Apontado nos relatos dos discentes de diferentes maneiras, a priorização do papel ocupacional como estudante foi recorrente durante os semestres suplementares remotos, afetando de modo prejudicial as relações com familiares e amigos, o autocuidado, o lazer e a saúde mental.

(...) quando eu tenho aula o dia todo eu não consigo ajudar tanto em casa porque eu acabo tendo aula e eu não consigo fazer as tarefas de casa. Também teve amigos que eu me afastei bastante, que eu acabo não tendo tempo pra conversar e acho que às vezes isso é bem chato... umas semanas atrás eu fiquei bem triste [...] as aulas aca-

bam ocupando muito o tempo da gente, inclusive, como a gente tem aula em período, a gente acaba também se engajando em outras coisas por se cobrar (...) eu tenho extensão e pesquisa e acabam afetando também (...). (A2, 21 anos).

A miscelânea de diferentes ocupações e papéis ocupacionais, ocorrendo em um mesmo espaço físico e social acarretou impactos na rotina dos discentes entrevistados. O cansaço, estresse, pressão e cobranças durante o ensino remoto ocorrido na pandemia, geraram conflitos e distanciamento físico e emocional dos discentes com as pessoas que tinham contato mais próximo durante a pandemia. Foi deflagrada, então, a necessidade de se desvinculação dos significados pré-estabelecidos, mediante a criação de novas maneiras de lidar com o novo, abrangendo-se para recursos significativos ou minimamente possíveis, em que eles buscaram equilibrar em uma balança inclinada para o papel ocupacional como estudante, explícito na fala a seguir:

(...) tentando equilibrar, mas o peso do estudo acaba ficando muitas vezes em prioridade. Muitas vezes eu não consigo participar do clube do livro, não consigo dar atenção aos meus parentes como eu gostaria e eu vejo os meus amigos uma vez no mês – a gente marca de sair em um lugar que seja aberto por causa da pandemia –, muitas vezes, não dá pra responder eles no Whatsapp, então acabou afetando um pouco essa relação com eles (...). (A3, 19 anos).

Alguns estudantes participantes desse estudo expressaram a necessidade de readaptação continuada para prosseguirem em suas novas rotinas, com diferentes ocupações e papéis ocupacionais

estabelecidos em um mesmo espaço físico, cercado do mesmo grupo social e com pobres interações relacionais. A universidade, para além de um ambiente acadêmico, torna-se o local principal de alguns estudantes para a troca e manutenção de afetos significativos, configurando-se um ambiente propício para conhecer pessoas que passam por experiências semelhantes às deles, onde há nítida facilidade para o estabelecimento de conexões.

Acho que no início tinha muito a sensação de não pertencer ao lugar, porque eu pertencia muito à universidade, era o meu lugar de muitas coisas (...) aí não ter o espaço físico da universidade, também fez com que em casa eu perdesse esses meus momentos comigo e aí ficou muito vinculado com o fato de eu ser filha e ter que fazer coisas em casa, isso tomava muito o meu tempo, eu não conseguia ter a minha privacidade, por exemplo, foi uma coisa que eu tive que conquistar com muito estresse. (A9, 23 anos).

Consoante explicitado na fala que precede, quando há a perda da rede de apoio oferecida pela universidade, especificamente o espaço físico da mesma, a necessidade de ressignificação de recursos que sejam praticáveis é crucial para o desenvolvimento de emoções e sentimentos positivos para com o meio no qual o estudante esteja inserido, também colocando limites, conquistando novos direitos e executando novos deveres. Dado o contexto pandêmico, a universidade vivenciada na modalidade virtual tornou-se o recurso para continuar com a troca de afetividade, mantendo os relacionamentos interpessoais e o significado do papel ocupacional como estudante.

Fortalecendo as narrativas supratranscritas, no estudo de Coelho et al. (2020), por meio das falas de estudantes universitários, revela-se alterações na

rotina e dificuldades em realizar tarefas do cotidiano, às quais estavam relacionadas ao desânimo em implementá-las. Além disso, os achados da pesquisa mostraram que os estudantes de Terapia Ocupacional demonstraram saudade do ambiente universitário e dos colegas.

Ademais, a dinâmica do ensino remoto durante a pandemia do Covid-19 e o isolamento social, afeta prejudicialmente jovens universitários, causando fragilidades para além das ocupações e rotina, na saúde física e mental (Fagundes et al., 2022). Desse modo, observamos a importância de abordar esses aspectos durante a entrevista com os discentes, sendo os resultados abordados na próxima categoria.

CATEGORIA 2: As consequências das aulas remotas para a saúde física e mental dos estudantes.

Por intermédio da questão condutora “Fale-me sobre as influências da modalidade de aulas remotas para a sua saúde física e mental neste período de excepcionalidade vivenciado”, os estudantes relataram as mudanças que ocorreram em sua saúde mental e física, explorando as causas que os fizeram – em maioria – ficar com a saúde fragilizada e as maneiras de autocuidado aprendidas e desempenhadas ao longo da pandemia e período suplementar remoto, tencionando a melhoria da qualidade de vida.

Dos 12 estudantes de Terapia Ocupacional entrevistados, 11 revelaram prejuízos na sua saúde física e uma discente mencionou uma melhoria em sua condição física. Todos explicitaram prejuízos múltiplos para a saúde mental deles. A partir disso, explanou-se, durante a entrevista, circunstâncias que surgiram durante a pandemia e as consequências do ensino remoto para a dimensão da saúde,

prejudicando o desempenho acadêmico, papéis ocupacionais, relacionamentos e rotina.

Influenciou bastante (o ensino remoto durante a pandemia Covid-19), porque eu sinto um cansaço físico e mental maior, não sei quais dos dois pode ser maior, porque assim, ficar sentada horas em frente a uma tela é muito difícil. (A5, 22 anos).

As sequelas advindas de uma pandemia são maiores do que o número de mortes, em razão do cenário caótico instaurado e a longa duração de isolamento social que impacta consideravelmente a saúde mental tendo efeitos psicológicos negativos (Veber et al., 2020). Com o ensino remoto emergencial estabelecido, os estudantes sentiram o aumento do cansaço mental, estresse, ansiedade e angústias provenientes dessas sensações.

Outra coisa de saúde mental: esse cansaço me gerava um estresse, eu não tinha mais ânimo pra fazer nada, não queria conversar com mais ninguém, só queria dormir, e qualquer coisinha, coisas pequenas, eu explodiria, sem ter motivo, mas era por conta desse cansaço, que eu não sabia de onde vinha. Enfim, na minha mente era por conta das aulas, de tá em frente ao computador. (A6, 22 anos).

Coelho et al. (2020) identificam em seu estudo a predominância de relatos dos discentes relacionados ao surgimento de ansiedade, medo, preocupação e impotência devido o isolamento social apresentar-se como uma situação nova e desconhecida. Além disso, no formato remoto, as redes sociais dominaram como único meio de socialização, reverberando de maneira positiva e negativa, a depender de seu uso.

Nas falas dos estudantes de Terapia Ocupacional entrevistados devido a necessidade obrigatória de utilizar o celular, o computador e outros eletrônicos como meios para o desenvolvimento de diversas atividades, em que permaneciam horas em frente às telas buscando assimilar conteúdos, observamos efeitos negativos, reverberando na saúde mental e bem-estar emocional:

Eu acho que com esse novo formato de aprendizagem que a gente tá vivenciando agora eu passei a ficar mais ansiosa também e mais exigente comigo mesma. O fato de ter que estar ali sempre disponível e, às vezes, as pessoas são bem invasivas no meio digital; a forma de comunicação se tornar as redes sociais isso mexeu um pouco comigo porque invadiu muito a minha vida, trazendo as pessoas muito para a minha casa e isso é um pouco complicado porque não permite você se desligar de algo. (A7, 22 anos).

Os discentes entrevistados evidenciaram dificuldades na aprendizagem na modalidade remota – afirmando estarem aprendendo sozinhos –, principalmente os alunos dos primeiros períodos, que sofrem com o impacto recente de concluir o ensino médio e ingressar na universidade remotamente. Além disso, em algumas falas, os discentes descreveram sentimentos de angústia ao escolher as disciplinas de cada período, pois há o desejo de cursar determinados conteúdos de forma presencial, todavia no remoto existe dificuldades, por parte dos estudantes, em imaginar como será abordado tais assuntos e como será a qualidade do ensino. Acrescentamos que a expressiva quantidade de atividades acadêmicas mais uma vez foi citada pelos estudantes como algo prejudicial à saúde mental dos discentes.

Diante disso ressaltamos diante da falta de assistência sentida pelos alunos recém ingressos na universidade, fragilidades de conhecimento sobre o ensino remoto por parte dos professores e o despreparo da universidade em oferecer os recursos necessários para a formação dos docentes no ensino remoto emergencial, visto que isto pode influenciar no desejo dos discentes em cursar o curso de Terapia Ocupacional e na relação aluno-professor.

(...) eu tenho crise de ansiedade às vezes (...), mas eu não me considero uma pessoa ansiosa, mas acredito que a UFPB tenha me deixado um pouco mais ansiosa por causa das aulas remotas. Eu fico muito triste de ter aulas remotas porque eu perco de aprender de verdade... é muito difícil aprender virtual, muito difícil, muitas das coisas você faz sozinho, eu tenho que pesquisar no Youtube aulas da matéria pra eu entender (...). Eu acho que o remoto das aulas deixa a gente nervoso porque tem que aprender tudo sozinho e tem que passar nesse período, é uma responsabilidade muito grande. (A4, 18 anos).

Os discentes que estão aproximando-se ou mesmo já cursando os últimos períodos do curso denotaram em suas falas o temor de não conseguirem visualizar a conclusão do curso, além de expressarem preocupação de não possuírem o conhecimento satisfatório para se tornarem terapeutas ocupacionais, fatores que se relacionam diretamente com a autoestima desses estudantes e da sua relação com o curso e profissão, exigindo assim um processo de ressignificação.

Eu não fiz essas matérias que exigiam mais prática e isso tem afetado muito minha saúde mental, porque eu ainda faço aquela conta de que se não tivesse a pandemia eu

estaria no último ano de faculdade (...). Dá impressão que eu não vou conseguir terminar a faculdade. (A8, 24 anos).

Eu fico achando que não tenho capacidade, que eu não desenvolvi habilidades o suficiente pra ser terapeuta ocupacional ou pra tá em estágio de Terapia Ocupacional... eu fico achando que eu não vou ter... eu vou ter que estudar muito... fico achando que não tenho habilidades... a ansiedade pelo presencial. (A9, 23 anos).

No que concerne à saúde física, ocorreram alterações na visão – em função do uso de eletrônicos –, dores na coluna vertebral – ambiente inadequado – e diminuição na frequência de realização de exercícios físicos, como os principais apontamentos realçados pelos estudantes.

No estudo de Ribeiro et al. (2022), revelou-se um aumento durante a pandemia na prevalência do tempo de TV, no computador/tablet e/ou smartphone e de inatividade física entre os universitários avaliados, observando também aumento de comportamentos sedentários, principalmente relacionado ao tempo despendido em eletrônicos durante a pandemia (mais de quatro horas por dia).

Na minha saúde física interferiu [...] eu era muito assídua na academia e não tô sendo mais. Às vezes tem 15 dias que não consigo ir pra academia e quando vou, vou dois dias e paro de novo, porque tô atolado de coisa. O horário que eu poderia ir pra academia de manhã cedo eu prefiro dormir para estar bem na aula; [...] às vezes dor de cabeça, dor na vista, contato com a tela o tempo inteiro, vivo a base de Dorflex. Tenho gastrite também, tem vez que eu fico preocupada com

as coisas, esqueço de me alimentar e quando vejo tô com dor no estômago, morrendo de azia, com muita dor. (A1, 18 anos).

Ademais, uma estudante avaliou que a sua saúde física melhorou, visto que mora em outra cidade e que o percurso que fazia todos os dias demandava muita energia.

Acho que a saúde física por um lado melhorou porque quando eu estava no presencial, acho que eu ficava doente, gripada umas três vezes em um período e minha imunidade sempre ficava lá embaixo porque eu acordava cedo, dormia muito tarde e tinha que sair muito cedo de casa porque eu morava em Bayeux, isso também correlacionava; agora não tenho mais resfriado desde que começou a pandemia. (A2, 21 anos).

Discentes universitários que não moram na cidade que estudam precisam se deslocar de transporte público, podendo pegar quatro por dia, totalizando a ida e a volta. Com isso, o descanso e saúde podem ser prejudicados, gerando desconfortos na condição física e mental, como o cansaço. Todavia, a maioria evidenciou a piora na qualidade da saúde física, tendo em vista as condições de não favoráveis ao modelo remoto.

5. Conclusiones

O estudo evidenciou que aconteceram mudanças significativas nas rotinas, ocupações e papéis ocupacionais dos estudantes de Terapia Ocupacional da UFPB, em consequência dos semestres suplementares remotos emergenciais instaurados durante a pandemia da Covid-19, carecendo ressignificar essas áreas para dar continuidade às responsabilidades acadêmicas e pessoais. A saúde física e mental deles também foram afetadas,

sendo que a exposição em demasia às telas de eletrônicos foi a causa principal dos prejuízos para a saúde física dos universitários participantes da pesquisa, enquanto o ambiente remoto e suas repercussões destacaram-se como responsáveis por prejuízos para a saúde mental deles.

Relatos negativos para com o ensino remoto foram comuns durante as entrevistas, comprovando o descontentamento dos estudantes para com esse formato e os malefícios gerados após meses em isolamento social acompanhados da necessidade de continuar com os estudos. A espera pelo ensino presencial foi árdua e muito esperada, salientando a importância do ambiente acadêmico na rotina dos discentes.

As limitações presentes no estudo consistiram na amostra de estudantes participantes, pois não foi possível entrevistar estudantes de todos os períodos.

Recomendamos que sejam realizadas mais pesquisas no âmbito presencial, abrangendo uma maior amostragem e contemplando outros cursos, pois com o desenvolvimento de estudos disponíveis sobre os universitários e suas necessidades, a universidade e docentes poderão atuar em conjunto com os estudantes, com vistas à construção de novas possibilidades na academia.

6. Referencias

- Batista, E. C., Matos, L. A. L. & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38.
- Borba, P. L. O., Bassi, B. G. C., Pereira, B. P., Vasters, G. P., Correia, R. L. & Barreiro, R. G. (2020). Desafios “práticos e reflexivos” para os cursos de graduação em terapia ocupacional em tempos de pandemia. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(3), 1103-1115. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN2110>.
- Brasil. (2020, 17 de março). Portaria nº 343. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação da pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília*, seção 1, p. 39. Recuperado de: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>.
- Coelho, A. P. S., Oliveira, D. S., Fernandes, E. T. B. S., Santos, A. L., Rio, M. O., Fernandes E. S. F., Novaes, C. P., Pereira, T. B. & Fernandes, T. S. S. *Saúde mental e qualidade de sono entre estudantes universitários em tempos de pandemia da COVID-19: experiência de um programa de assistência estudantil*. (2020). *Research, Society and Development*, 9(9). <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.8074>.
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Resolução 466/12. Recuperado de: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Creswell, J.W. & Creswell, J.D. (2021). Projeto de pesquisa: *Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Penso Editora, ed. 2.
- Fagundes, A.T., Willrich, J.Q., Antonacci, M.H., Kantorski, L.P., Portela, D.L. & Souza, T.T. (2022). Universitários no contexto da COVID-19: perfil, comportamentos e atividades acadêmicas. *Cogitare Enfermagem*, 27. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v27i0.82306>.

- Gomes, I. L. V., Caetano, R. & Jorge, M. S. B. (2010). Conhecimento dos profissionais de saúde sobre o direito das crianças hospitalizadas: um estudo exploratório. *Revista ciência e saúde coletiva*, 15(2), 463-470. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000200023>.
- Grossi, M. G. R. (2021). Usar tecnologias digitais nas aulas remotas durante a pandemia da COVID-19? Sim, mas quais e como usar? *Olhar de professor*, 24, p. 1-12.
- IBGE. (2021). Cidades na Paraíba, João Pessoa. Recuperado de: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/panorama>.
- Minayo, M. C. S. (2008). O desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. S., Gomes, R., Deslandes, S. F. (Orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27, 9-29.
- Moraes, L. B. (2021). O que é o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)? Abmes blog. Recuperado de: <https://abmes.org.br/blog/detalhe/18219/o-que-e-o-ambiente-virtual-de-aprendizagem-ava-#:~:text=O%20AVA%20existe%20para%20simular,aprimorar%20a%20exper%3%AAncia%20de%20ensino>.
- Osti, A., Júnior, J. A. F. P. & Almeida, L. S. (2021). O comprometimento acadêmico no contexto da pandemia da Covid-19 em estudantes brasileiros do ensino superior. *Revista Práxis*, 18(3).
- Pereira, R. M. S., Selvati, F. S., Ramos, K. S., Teixeira, L. G. F. & Conceição, M. V. (2020). Vivência de estudantes universitários em tempos de pandemia do Covid-19. *Revista Práxis*, 12(1) (Sup.): Ensinar e aprender no cenário de pandemia. <https://doi.org/10.47385/praxis.v12.n1sup.3458>.
- Ribeiro, B.F.L., Silva, J.F.A., Silva, S.F.N., Linhares, J.N.S., Lima, M.B.S., Rebêlo, V.C.N., Madeira, F. B. & Cabral, P. U. L. (2022). O impacto da pandemia da COVID-19 no comportamento sedentário e inatividade física em estudantes universitários. *Rev Bras Fisiol. Exerc.*, 21(1). <https://doi.org/10.33233/rbfex.v21i1.5073>.
- Santos, J.P., Junger, A.P., Brito, A.S., Thimóteo, A. C. A., Fontana, C., Souza, J. F. & Amaral, L. H. (2021). Resiliência de Alunos Universitários durante a Pandemia – Covid 19. *Relatos de Experiências em Engenharia de Produção – ABEPRO*.
- Silva, A.C. (2020). Do presencial ao virtual: considerações sobre aula remota emergencial. *Pesquisa em Foco*, 25(2), 05-20.
- Silva, D. B. (2020). Terapia Ocupacional, cotidiano e pandemia COVID-19: inquietações acerca do ocupar o tempo-espço. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 4(3), 529-553. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34489>.
- Silva, T. R., Mariotti, M. C. & Bridi, A. (2020). Aprendendo a lidar com as mudanças de rotina devido ao Covid-19: orientações práticas para rotinas saudáveis. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 4(3), 519-528. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34250>.
- Son, C., Hegde S., Smith, A., Wang, X. & Sasangohar, F. (2020). Effects of COVID-19 on college students' mental health in the United States: interview survey study. *Journal of Medical Internet Research*, 22(9).
- Spalding, M., Rauen, C., Vasconcellos, L. M. R., Vegian, M. R. C., Miranda, K. C., Bressane, A. & Salgado, M. A. C. (2020). Desafios e possibilidades para o ensino superior: uma experiência brasileira em tempos de COVID-19. *Research, Society and Development*, 9(8). <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5970>.

Teixeira, M.R. & Dahl C.M. (2020). Recriando cotidianos possíveis: construção de estratégias de apoio entre docentes e estudantes de graduação em terapia ocupacional em tempos de pandemia. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 4(3), 509-518. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34425>.

Universidade Federal da Paraíba. (2022). Coordenação de Terapia Ocupacional. Recuperado em: <http://www.ccs.ufpb.br/coordto>.

Veber, L. S., Rodrigues, J. V., Fagundes, L. B. B. & Amaral, P. L. (2020). *Saúde Mental de Estudantes Universitários na Pandemia de Covid-19*. Anais da 16ª Mostra de Iniciação Científica - Congrega. URCAMP.



Experiencias de estudiantes de Terapia Ocupacional con la enseñanza remota en tiempos de pandemia está distribuido bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).